

Reclus: **O dragão que está à porta da Anarquia nada tem de terrível: é uma palavra apenas!"**

**ACRACIA** é outra designação de **Anarquia**, usada principalmente entre libertários de língua castelhana. Na imprensa anarquista da Espanha figuram publicações assim intituladas. Em dicionários figura como neologismo, significando o mesmo que **anarquia**, ausência de autoridade. Do grego: A (Ausência) + Kratos (Força, Poder).

### G. CELLO

## 5. Bases Éticas do Anarquismo

### A MORAL ANARQUISTA

Quando dizemos: "Tratemos os outros como queremos ser tratados", recomendamos egoísmo ou altruísmo?

Quando vendo a questão de mais alto, dizemos: "A felicidade de cada um está intimamente ligada à felicidade dos que o rodeiam. Pode-se ter por acaso alguns anos de felicidade relativa numa sociedade baseada na infelicidade dos outros; mas essa felicidade é construída sobre areia, não pode durar; para destruí-la, basta o mais pequeno abalo; e é de uma pobreza miserável comparada com a felicidade possível numa sociedade de iguais. Assim, sempre que visares ao bem de todos, procederás bem". — Quando dizemos isso, pregamos altruísmo ou egoísmo? Constatamos simplesmente um fato.

E, quando acrescentamos parafraseando algumas palavras de Guyau: "Sê forte; sê grande em todos os teus atos, desenvolve a tua vida em todas as direções; sê o mais rico possível em energia e por isso, o ser mais sociável e fecundo. Guiado sempre por uma inteligência ricamente desenvolvida, luta, expõe-te — a audácia tem os seus gozos — lança as tuas forças sem as medir, enquanto as tiveres, em tudo o que sentires de belo e grande, e então terás gozado a maior soma possível de felicidade. Identifica-te com as massas, e então, aconteça o que acontecer em tua vida, sentirás bater contigo, precisamente, os corações que estimas, e bater contra ti os que desprezas!" — Quando assim falamos ensinamos altruísmo ou egoísmo?

Lutar, afrontar o perigo; atirar-se à água para salvar não só um homem, mas um simples gato; comer pão seco para pôr fim às iniquidades que vos revoltam; sentir-se de acordo com os que merecem ser amados, sentir-se amado por eles, tudo isso, para um filósofo enfermo, é, talvez, um sacrifício. Mas para o ser humano

cheio de energia, força, vigor e mocidade, é o prazer de sentir-se viver. É egoísmo? É altruísmo?

Em geral, os moralistas que construíram os seus sistemas de moral sobre uma pretendida oposição entre os sentimentos egoísta e altruísta, trilharam por mau caminho. Se realmente existisse essa oposição; se o bem individual fosse realmente oposto ao da sociedade, não teria podido existir a espécie humana; nenhuma espécie animal atingiria o seu desenvolvimento atual. Se as formigas não tivessem intenso prazer em trabalhar, todas, para o bem-estar do formigueiro, este não existiria; e a formiga não seria o que é: o ser mais desenvolvido entre os insetos cujo cérebro, que mal se vê através da lente, é quase tão poderoso quanto o cérebro médio do homem. Se as aves não sentissem intenso prazer nas suas migrações, nos cuidados que dispensam à prole, na ação comum para a defesa de suas sociedades contra as aves de rapina, a ave não teria atingido o atual desenvolvimento. O tipo de ave, em vez de progredir, teria retrogradado.

E, quando Spencer prevê um tempo, em que o bem individual se confundirá com o bem da espécie, esquece que, se ambos não tivessem sido sempre idênticos, a própria evolução do reino animal não teria podido fazer-se.

O que é verdade é que sempre se encontrou no mundo animal, como na espécie humana, grande número de indivíduos que não compreendiam que o bem individual e o da espécie são, no fundo, idênticos. Não compreendiam que, sendo o seu fim viver uma vida intensa, o indivíduo acha a maior intensidade da vida na maior identificação de si mesmo com todos os que o cercam.

Isto era só uma falta de inteligência, de compreensão. Sempre houve homens limitados: houve sempre imbecis. Mas nunca, em época alguma da história, ou mesmo da geologia, o bem individual foi oposto ao da sociedade. Sempre permaneceram idênticos, e os que melhor o compreenderam gozaram sempre a vida mais completa.

É, pois, para nós, absurda a distinção entre egoísmo e altruísmo. E aí está por que nada dissemos tampouco desses compromissos que o homem, segundo os utilitaristas, faria sempre entre os seus sentimentos egoístas e os seus sentimentos altruístas. Para o homem convicto, não existem esses compromissos.

O que há é que realmente, nas atuais condições de vida, ainda quando procuramos viver em harmonia com os nossos princípios de igualdade, a cada passo os sentimos contrariados. Por mais modestas que sejam as nossas refeições e a nossa cama, somos ainda Bothschilds ao lado dos que passam as noites sob as pontes e, muitas vezes, não têm nem mesmo um pedaço de pão seco para comer. Por pouco que concedamos de nossos sentidos aos gozos intelectuais e artísticos, somos Rothschild ante os milhões de seres que à noite voltam para casa embrutecidos pelo trabalho manual, que não podem gozar a arte e a ciência e que morrerão, provavelmente, sem experimentar jamais esses prazeres requintados.

Sentimos que não levamos o princípio igualitário até o fim. Mas não queremos firmar compromissos com essas condições. Revoltamo-nos contra elas. Oprimem-nos. Tornam-nos revolucionários. Não nos acomodamos com o que nos revolta. Repudiamos todo compromisso, todo armistício até, e intimamente nos comprometemos a lutar contra esse estado de coisas.

Há época em que a concepção da moral muda completamente. Vê-se que o que se considera moral é da mais profunda imoralidade. Aqui, era costume, tradição venerada, mas imoral no fundo. Além, encontra-se um código de moral feito apenas em proveito de determinada classe. Fomo-lo à margem e gritamos: "Abaixo a Moral!" É para nós um dever a prática de atos imorais.

Saudemos essas épocas. São épocas de crítica. São o sinal mais certo de que se faz um grande trabalho de pensamento na sociedade. É a colaboração de uma moral superior. O que há de ser essa moral, procuramos formulá-lo baseando-nos no estudo do homem e dos animais. E vimos a moral que se esboça já nas idéias das massas e dos pensadores.

Essa moral nada ordenará. Recusará em absoluto modelar o indivíduo ao sabor de uma idéia abstrata, como recusará mutilá-lo pela religião, pela lei ou pelo governo. Deixará ao indivíduo a sua plena e inteira liberdade. Tornar-se-á uma simples constatação de fatos, uma ciência. E essa ciência dirá ao homem:

"Se não sentes em ti uma aptidão qualquer; se as tuas forças são apenas suficientes para manteres uma existência monótona e medíocre, sem impressões fortes, sem grandes gozos, mas também

sem grandes sofrimentos, então resigna-te aos princípios de equidade. Nas relações com os teus iguais, encontrarás facilmente a maior soma de felicidade a que aspiras, dadas as tuas forças mediocres. Mas, se em ti sentes a força da mocidade, se queres gozar a vida plena, exuberante — isto é, sentir o maior gozo que um ser vivo pode desejar — sê forte, sê enérgico, sê grande em tudo o que fizeres.

"Semeia a vida em volta de ti. Repara que enganar, mentir, fraudar, é envilecer-te, rebaixar-te, reconhecer-te fraco de antemão, é fazer como a escrava do harém, que se sente inferior ao seu senhor. Proceda assim, se te agrada, mas então fica desde já sabendo que a Humanidade te considerará pequeno, mesquinho, fraco e tratar-te-á como mereces. Não vendo a tua força, há de tratar-te como um ser digno de compaixão, de compaixão somente. Nada esperes da Humanidade, se tu próprio paralisas assim a tua força de ação.

"Sê forte; e, quando vires uma iniquidade e a compreenderes — uma iniquidade na vida, uma mentira na ciência ou um sofrimento imposto por alguém ao teu semelhante — revolta-te contra a iniquidade, contra a mentira, contra a injustiça. Luta! A luta é a vida, tanto mais intensa quanto aquela for mais viva. E então terás vivido, e por algumas horas dessa vida não darás anos de vegetação e de podridão no charco.

"Luta para que todos vivam essa vida opulenta e exuberante. E fica certo de que na luta encontrarás prazeres tão fortes como em nenhuma outra atividade".

É tudo o que te pode dizer a ciência da moral. Agora, escolhe.

### PEDRO KROPOTKINE

#### CONCEPÇÃO ÉTICA DO ANARQUISMO

**Auxílio Mútuo, Justiça, Moralidade:** tais são as etapas subseqüentes que observamos ao estudar o mundo animal e o homem. Constituem uma necessidade orgânica que leva sua justificação em

si mesma e que vemos confirmada em todo o reino animal, começando por suas camadas inferiores em forma de colônias de organismos primitivos e elevando-se até às sociedades humanas mais adiantadas. Encontramo-nos, portanto, em face de uma **lei universal da evolução** orgânica. Os sentimentos de Ajuda Mútua, de Justiça e de Moralidade estão arraigados profundamente no homem com toda a **força** dos instintos. O primeiro deles, o instinto de Ajuda Mútua, aparece como o mais forte, enquanto que o último, desenvolvido posteriormente, se caracteriza por sua debilidade e seu caráter menos universal".

O grande conhecimento científico e o profundo pensamento de Kropotkine definiram nestas palavras os verdadeiros fundamentos da ética.

Os conceitos de ética na Humanidade vêm oscilando no transcurso da História, ao compasso das concepções gerais da vida que prevaleceram em cada época, em cada localidade e em cada raça. Daí resulta o fato de que a moral não tenha sido uniforme e única através do tempo e de espaço, e que ao mesmo tempo se verifiquem normas de moral distintas em diversos lugares do planeta, e que num mesmo lugar se notem várias formas de moral de acordo com as concepções de épocas diferentes. Não obstante, e ainda mesmo com todas as mutações observadas, há certos princípios fundamentais que são inerentes à própria natureza humana e que formam as bases naturais da verdadeira ética: são os instintos, os sentimentos naturais de moral e justiça, constatados por todos os pesquisadores e cientistas que se ocupam desses problemas.

No transcurso de toda a História do pensamento humano, quase sempre se têm relacionado esses dois termos como essencialmente antagônicos, e quase sempre se há recorrido à moral para pôr um freio e limitação aos instintos ou para tentar a sua absoluta eliminação, como tem acontecido com todas as religiões. A moral religiosa de todas as épocas e de todas as seitas vem operando diretamente sobre os instintos, umas para destruí-los e outras para exacerba-los. Apesar disso, a força incontível dos instintos sempre rompeu todos os cercos, transbordando, mais ou menos catastroficamente, todas as limitações da ética e todas as exacerbações da moral religiosa.

Esse antagonismo entre os instintos e a moral é uma realidade intrínseca da vida, da natureza humana e das exigências naturais da convivência social?

O anarquismo, que constitui preocupação permanente de pesquisa da verdade e que, em essência, é ética pura, deve inquirir sobre as razões desse antagonismo que a História tornou permanente e sondar as interrogativas que o problema apresenta — Que são os instintos? Que é a ética? — para tratar de estabelecer os princípios de uma ética cuja vigência não implique forçosamente na desdita e sacrifício humanos, pois uma ética baseada na dor, como acontece com quase todas as morais religiosas, é incompatível com esse anelo de felicidade que representa a suprema aspiração do gênero humano. Felicidade e dor são incompatíveis, como também hão de sê-lo desdita e moral. Há de encontrar-se na natureza uma fórmula harmoniosa que irmane em simultânea sensação a ética e a felicidade. Claro que a moral religiosa concentra a suprema felicidade na dor. Isso, porém, constitui aberração absurda e criminosa.

O ser humano não é um ser de conflitos. Quando estes surgem é por motivo anormais e estranhos ao ser humano no decurso de seu viver. Freud, talvez sem o propósito específico de não lhe dar esse sentido, assentou uma das bases mais fortes da ética moderna ao demonstrar que os conflitos psicológicos, considerados sempre como inerente e consubstanciais à psique, humana e, portanto, rodeadas de todos os mistérios metafísicos, têm origem e natureza em determinadas facetas anormais do viver, que retorcem e reprimem os instintos. De acordo com as leis naturais, um ser vivente não pode levar na essência mesma de sua natureza manifestações contraditórias em conflito permanente, se isso não for motivado por causas alheias a essas essências que o caracterizam. Todo ser vivo é manifestação de harmonia vital; quando essa harmonia cessa, vem a morte, pois que a vida em si não é senão manifestação de harmonia. E o ser humano, que é uma das manifestações mais altas da vida, não pode conter elementos contraditórios permanentes naquilo que constitui os fundamentos de sua existência.

Os instintos que nos induzem à satisfação das necessidades inerentes ao nosso próprio viver não podem ficar à margem da ética nem em contradição com ela. Não pode ser amoral beber-se um

copo d'água, comer uma maçã ou coabitar com o sexo contrário, que é o complemento e fator da vida, ou descansar de uma fadiga. Como tampouco é moral satisfazer essas necessidades em detrimento da satisfação das mesmas necessidades dos outros.

As verdadeiras essências da ética residem, pois, na harmonização entre a satisfação dos instintos que nos induzem à conservação da nossa própria existência e os que nos impelem à prática da cooperação na convivência com os nossos semelhantes.

A concepção ética do anarquismo não pode ser outra senão essa ética natural manifestada pela livre expressão dos instintos. Daí a razão de ter o anarquismo que rechaçar toda ética imposta de fora, o que, em definitivo, é autoritarismo.

A ética anárquica, libérrima, assenta suas bases na comprovação científica de que os instintos naturais do ser humano não são desagregadores, nem avassaladores, nem autoritários, e, quando esses instintos adquirem nele essas manifestações, é por desvio imposto externamente ou por anormalidade funcional interna.

A ética anarquista se baseia, portanto, nos instintos naturais do homem, pois neles residem as essências das melhores qualidades sociais de convivência e de conduta. Quando regulada pelos instintos, a conduta do ser humano é mais humana do que quando forçada por normas morais fabricadas contra os próprios instintos. E a moral anárquica não pode ser outra senão aquela que compatibilize os instintos com a conduta, o que constitui a verdadeira essência da liberdade.

Talvez estas afirmações pareçam por demais atrevidas àqueles que estão fortemente influenciados pelo conceito histórico da moral e pela idéia religiosa sobre a natureza dos instintos; mas aqueles que se aventurem a um estudo consciencioso e científico de problemas dessa natureza perceberão que os instintos são o verdadeiro guia da conduta e que esta, mesmo nos casos em que parece mais ordenada e regida pela razão, é instintiva quando não obedece a prejuízos contrários à nossa própria natureza.

## B. CANO RUIZ, "Tierra y Libertad"

### IDEALISMO E MATERIALISMO

Tem sido constatado que os homens, antes de alcançarem a verdade, ou aquela porção de verdade relativa alcançável nas várias etapas de seu desenvolvimento intelectual e social, expõem-se a incorrer em erros de toda natureza, encarando as coisas ora de uma forma ora de outra, passando de um exagero a outro oposto. É um fenômeno desse gênero, estreitamente ligado à vida social contemporânea, que dá motivo a este trabalho.

Houve uma época — algumas décadas atrás — em que constituía preocupação para os indivíduos o apresentarem-se como materialistas. Em nome de uma ciência, quase sempre baseada na dogmatização de rebuscados princípios gerais ou de incompletos conhecimentos positivos, pretendia-se explicar toda a psicologia humana e toda a agitada história da Humanidade através das necessidades materiais mais comuns e mais imediatas. O "fator econômico" tudo explicava — o passado, o presente e o futuro. Todas as manifestações do pensamento, todas as preocupações da vida — amor e ódio, boas e más paixões, a situação da mulher, ambições, ciúmes, orgulho de raça, relações de toda natureza entre os indivíduos e entre os povos, guerra e paz, submissão e revolta de massas, modalidades várias na constituição da família e da sociedade, regimes políticos, religiões, a moral, a arte e a ciência — tudo não passava de mera consequência do sistema de produção e distribuição da riqueza e do aparelhamento do trabalho predominante em cada época. E aqueles que manifestassem concepção mais ampla e menos simplista da natureza humana e da História, eram considerados, tanto pelos conservadores como entre certos elementos de princípios sociais avançados, como gente atrasada e desconhecadora dos mais elementares princípios científicos.

Este critério influiu, naturalmente, na atuação das organizações partidárias e contribuía para que os mais nobres ideais fossem sacrificados pelos interesses materiais e por motivos econômicos quase sempre de pouca importância.

Depois, a moda mudou. Aparecer como idealista passou a ser a preocupação de muita gente que se julgava a isso obrigada, para não ser considerada retrógrada... Entre essas pessoas, encontra-

va-se quem procurava aparentar desprezo pelo estômago e que pretendia encarar o homem como entidade puramente espiritual, para o qual comer, vestir, satisfazer, enfim, as necessidades fisiológicas eram coisa dispensável e a que não se devia prestar atenção, sob pena de se dar demonstração de decadência moral.

Naturalmente, não me ocupo, neste trabalho dos sinistros mistificadores para os quais o idealismo não passa de mera manifestação de hipocrisia e de um instrumento de engano; dos capitalistas que pregam aos trabalhadores o sentimento do dever e o espírito de sacrifício, para amortecer-lhes as energias e poderem continuar pacificamente acumulando fortunas à custa de seu trabalho e de sua miséria; dos "patriotas" que, cheios de fervor pelo amor à pátria e dominados pelo espírito nacionalista, vivem explorando por todos os modos o próprio país e, quando podem, procedem da mesma forma quanto às pátrias alheias; dos militares que, pela glória da pátria e honra da sua bandeira, atacam outros povos, maltratando-os e oprimindo-os.

Dirijo-me à gente sincera, e, especialmente, aos militantes do movimento social libertário que se mostram preocupados por verificarem que a atividade para a obtenção de melhoramentos econômicos imediatos acabou por absorver toda a energia da organização operária, a ponto de anular a tendência para a luta em prol da transformação social; dirijo-me aos companheiros impressionados com o fato de boa parte do proletariado, deixando-se embair pelas promessas de ilusórias melhorias feitas por políticos e pelo patronato permitem passivamente que lhes vão roubando os últimos resquícios de liberdade e ainda se mostram satisfeitos com a vã esperança de conseguir trabalho permanente e salários mais remuneradores; sim, é mormente a esses companheiros que me dirijo, isto é, àqueles que o desvirtuamento da atividade da classe trabalhadora envolveu na tendência para o abandono das preocupações e da luta de caráter econômico, levando-os à conclusão de que toda a energia deve ser empregada no campo da educação e da luta propriamente revolucionária tendente à transformação libertária da sociedade.

O problema principal, a necessidade fundamental é a da liberdade, dizem esses companheiros e acrescentam que a liberdade não se conquista e não se conserva senão à custa de ativas e permanen-

tes lutas e grandes sacrifícios. Torna-se, portanto, necessário que os militantes do movimento libertário deixem de dar importância às pequenas questões de melhoramentos econômicos, passando a combater o egoísmo dominante nas massas, propagando o espírito de sacrifício e, ao contrário de prometerem a fartura, inculcando na multidão o orgulho de ser capaz de sofrer por uma nobre causa.

Perfeitamente de acordo — mas não exageremos. A liberdade, a liberdade ampla e completa é, certamente, a conquista essencial, porque ela é a consagração da dignidade humana e constitui o único meio pelo qual poderemos e deveremos resolver os problemas sociais com benefício para todos. Mas a liberdade é uma palavra vazia se não fôr amparada pelos meios que lhe facultem a possibilidade de exercer livremente a própria atividade. É sempre verdadeiro o provérbio que diz que "quem é pobre é escravo", mas não deixa de ser igualmente verdadeiro o outro provérbio que afirma que "quem é escravo é ou torna-se pobre porque perde todos os melhores caracteres da personalidade humana".

As necessidades materiais, as exigências da vida vegetativa são, de fato, coisas de ordem inferior e mesmo desprezíveis, mas são a base necessária de toda vida superior, moral e intelectual. Mil motivos de natureza diversa movem o homem e determinam o curso da História; mas é preciso comer. "Primeiro comer e depois filosofar".

Um pedaço de tela, um pouco de óleo, um punhado de terra colorida, que constituem os elementos materiais para a fabricação das tintas e dos quadros, são coisas bem insignificantes para o nosso senso estético diante de um quadro de Rafael; mas, sem essas coisas materiais e relativamente sem valor, Rafael não poderia realizar o seu sonho de arte e de beleza.

Devo admitir que os idealistas são pessoas que comem todos os dias e têm sempre a natural certeza de poderem comer no dia seguinte. E é natural que assim seja, porque, para pensar, para poder aspirar a coisas mais elevadas, é indispensável dispor, pelo menos, de pequena soma, ainda que mínima, de bem-estar material.

Existiram em outras épocas — e existem ainda hoje — homens que se elevaram aos mais altos fastígios do espírito de sacrifício, homens que afrontaram serenamente a fome e a tortura e continuaram a lutar heroicamente por suas idéias, sujeitando-se aos mais terrí-

veis sofrimentos; mas são homens que se desenvolveram em condições relativamente favoráveis e puderam, por isso, acumular uma soma de energias latentes que agem quando se torna necessário. Pelo menos, esta é a regra geral.

Em minha vida de militante libertário, tive oportunidade de, durante muitos anos, freqüentar organizações operárias, grupos revolucionários e sociedades educativas, e sempre verifiquei que os elementos mais ativos, os mais dedicados, os que sempre estavam disposto às mais duras tarefas, contribuindo não apenas com a sua atividade, mas ainda com recursos retirados de seus ganhos, não eram os mais necessitados, mas, ao contrário, justamente os de melhor situação — e que se sentiam impelidos à luta não tanto pelas próprias necessidades, mas pelo desejo de cooperar em prol de uma boa obra e sentirem-se nobilitados por um ideal. Os elementos de situação mais miserável, aqueles que, em virtude de suas penosas condições de vida deveriam ser os mais direta e imediatamente interessados na mudança das coisas, conservam-se ausentes, ou participam apenas quando a isso levados por um interesse imediato e, assim mesmo, como parte passiva, beneficiando-se do esforço dos demais.

Recordo-me bem de como era difícil e, às vezes, estéril a propaganda em certas regiões da Itália, há cinqüenta ou sessenta anos passados, quando os trabalhadores do campo e boa parte dos operários de muitas cidades viviam em condições verdadeiramente animais — condições essas que, quero crer, jamais possam voltar. Lembro-me também de movimentos populares provocados pela fome cessarem prontamente com a distribuição de um prato de sopa ou de alguns quilos de gêneros alimentícios.

De tudo isto concluo que, primordialmente, está a idéia, que deve animar a vontade, mas que são necessárias certas condições para que a idéia possa surgir e entrar em ação. Fica, portanto, reconfirmado o velho programa anarquista que proclama a indissolubilidade da emancipação moral, política e econômica e a necessidade de colocar a massa popular em condições materiais capazes de permitir o desenvolvimento dos imperativos ideológicos.

O que nos cabe, pois, é lutar pela emancipação integral do homem — enquanto aguardamos e preparamos o advento do dia em que a vitória desse desiderato seja possível — tratemos de ir arrancando,

pela ação direta dos capitalistas e dos governantes, todos os melhoramentos político-sociais e econômicos que possam criar um ambiente cada vez mais favorável para o desenvolvimento da luta libertária e permitir o aumento do número daqueles que, conscientemente, se lançam nessa luta. É preciso, entretanto, que os meios empregados para a obtenção dessas melhorias não estejam em contradição com a sua finalidade, isto é, que não impliquem, nem indiretamente, no reconhecimento da presente ordem de coisas por nós condenada e que possam preparar a estrada do futuro.

Cabe-nos propagar o sentimento do dever e o espírito de sacrifício, mas não nos esqueçamos de que o exemplo é a melhor das propagandas e que não se pode pretender dos demais aquilo que nós mesmos não fazemos.

#### ERRICO MALATESTA

## 6. Métodos de Ação, Meios e Fins

### MÉTODO DE AÇÃO

Concepção integral, o anarquismo tem um método próprio de ação, baseado na livre iniciativa e na solidariedade.

Os poderes públicos cedem apenas as liberdades já tomadas. A lei é inútil, quando não é nociva; fica letra morta, quando registra uma liberdade que o povo defende e usa. Repudiamos, portanto, a ação eleitoral e parlamentar, que só serve para reforçar o Estado, dar prestígio às velhas instituições autoritárias e adormecer as energias populares.

O nosso método é a ação direta, que, desde já, na conquista de pequenos melhoramentos atuais, tende a despertar a iniciativa, o espírito de espontaneidade, a decisão, a coragem, ensinando a massa popular a agir por conta própria, a unir-se e viver em luta. Hoje, mais do que nunca, ação direta, é o processo exato de rebelião proletária. Fora da ação direta, só um método existe: o colaboracionismo, o reformismo, as eleições com vistas ao poder — numa palavra, ação indireta.

Todos os partidos pseudo-revolucionários, ou da esquerda, por mais sinceros e competentes que sejam os seus chefes, têm-se atolado e sucumbido no brejo parlamentar, incapazes de resolver o problema social. E por quê? Porque, em vez de dinamitarem a tremenda máquina de repressão que é o Estado e, no campo livre, erguerem as livres Comunas, dela se fazem maquinistas ou foguistas. Evidentemente, e a jigajoga foi feita especialmente para forjar leis, seus novos guieiros não podem senão tirar leis. Mas quem diz leis, diz delimitações, obrigações, cerceamento forçado; homens que as ditam e homens que as cumprem; o burguês, autor; e o povo, obedecedor.